

## Esquerda viva, talvez, mas aparentemente continua dormindo... Comentários a artigo do Senador Cristovam Buarque

Comentários efetuados por:  
Paulo Roberto de Almeida  
([pralmeida@mac.com](mailto:pralmeida@mac.com); [www.pralmeida.org](http://www.pralmeida.org))

Permito-me oferecer alguns comentários ao artigo do Senador Cristovam Buarque, “Esquerda Viva” (Correio Braziliense, Brasília, quarta-feira, 17 de março de 2004), transcrito in fine, procedendo de minha maneira habitual: seleção de trecho em destaque (CB: *itálico*), seguida de meus comentários lineares (PRA: regular).

1) CB: *“Com a derrubada da cortina de ferro e do muro de Berlim, as pessoas passaram a achar que a esquerda havia terminado.”*

PRA: A queda do muro de Berlim já faz parte da história, como símbolo, mais até que como ato político efetivo. Ele foi mais uma recusa do totalitarismo do que um funeral da esquerda, inclusive porque muitas pessoas de esquerda eram contra o totalitarismo. A esquerda sempre vai existir, enquanto o mundo for caracterizado por dicotomias como liberdade e igualdade, iniciativa individual e distribuição social, apropriação privada e produção coletiva e coisas do gênero.

2) CB: *“Enquanto isso, aos poucos, as forças conservadoras foram consolidando um novo muro, uma cortina de ouro que separa os ricos dos pobres e cria uma realidade de apartheid social, uma separação.”*

PRA: Trata-se de um evidente exagero retórico que não tem a mais mínima conexão com a realidade, e apenas revela uma certa concepção conspiratória da história. Os fatores de divergência entre ricos e pobres, tanto países como indivíduos, se situam mais no terreno dos diferenciais de produtividade (mais educação, maior preparação técnica, maior disposição de recursos humanos e capital acumulado em fatores tangíveis e intangíveis), do que no da surrada tese da extração forçada de recursos, da exploração de uns pelos outros, e de forma geral na concepção de alguns são ricos porque todos os demais são explorados e dominados. Há muito tempo já se abandonou esse tipo de concepção em ciências sociais, só subsistindo esse tipo de explicação no mundo simplista da política.

3) CB: *“O Brasil é um retrato do mundo. Nossa distribuição de renda configura mais do que desigualdade: nossa população é dividida, separada em dois grupos distintos. O mesmo acontece no mundo inteiro: o mundo está dividido por uma cortina de ouro, que separa ricos de pobres.”*

PRA: O mundo não é assim, e o Brasil não é assim. Existem diferentes gradações de bem estar, de satisfação material, de desenvolvimento humano entre os estratos mais privilegiados e o mais desafortunados. As desigualdades e assimetrias entre pessoas e países constituem dois dos traços mais constantes da história da humanidade, sendo

apenas reduzidas, em geral, nas sociedades mais desenvolvidas, ainda que possam existir sociedades relativamente pobres com graus variáveis de desigualdade estrutural. O Brasil sem dúvida é um dos países mais desiguais do mundo, e isso é fruto da história e de nossas atuais estruturas políticas, econômicas e sociais.

Todos devemos trabalhar para a redução dessas desigualdades, e a primeira condição para fazê-lo seja, talvez, não simplificar os dados do problema.

4) CB: *“Ser de esquerda hoje é derrubar os muros, as cortinas, as barreiras que separam os que estão dentro da modernidade, daqueles que estão excluídos.”*

PRA: De acordo, mas isso não significa simplificar os dados do problema, procedendo por maniqueísmos simplistas e explicações redutoras.

5) CB: *“A primeira das nossas barreiras é o latifúndio. Quinhentos anos depois, o Brasil continua dividido em capitânicas hereditárias, que separam os donos de extensas terras dos sem-terra, que desejam apenas um pequeno pedaço que lhes permita trabalhar, obter o sustento da sua família.”*

PRA: ERRADO. O latifúndio, ou sequer a questão agrária constituem hoje nosso principal problema sócio-econômico. O latifúndio é residual, marginal e provavelmente só existe na literatura, o que obviamente não impede a existência de grandes propriedades agrárias, mal ou bem administradas.

A primeira das nossas barreiras é a falta de educação e de qualificação profissional das camadas ditas subalternas. Este é o principal fator que as mantém na miséria e na exploração. O apartheid brasileiro se dá entre os que têm e os que não têm educação.

6) CB: *“É preciso também derrubar a barreira que separa os que comem daqueles que passam fome. Ao lançar o programa Fome Zero, o presidente Lula percebeu que comprometer seu governo com esse objetivo era condição necessária para o futuro digno do país.”*

PRA: Isto é tomar as consequências pelas causas. A fome, aliás episódica, localizada e reduzida, é o reflexo do problema acima indicado: a população não tem qualificação e educação para se inserir no mercado de trabalho. A péssima distribuição de renda, que responde pelos fenômenos de desnutrição e alimentação deficiente, é o principal fato da existência de um “problema alimentar” no Brasil, que não terá solução pela simples distribuição de alimentos, que tende a criar um exército permanente de assistidos, e sim mediante programas de requalificação profissional e educacional das populações carentes.

7) CB: *“A segunda barreira separa os que conseguem dos que não conseguem educação de qualidade. No Brasil de hoje, uma pessoa de classe média ou alta recebe, ao longo de sua vida, um investimento em educação de cerca de R\$ 250 mil, ao passo que um pobre recebe ou gasta em educação apenas R\$ 3,2 mil, oitenta vezes menos.”*

PRA: Absolutamente verdadeiro, na simplicidade dos números. Essa “barreira” tem de ser rompida, pois ela é a condição *sine qua* quaisquer outros programas de correção das desigualdades não poderão ser efetivados. Apenas restaria esclarecer a origem desses valores e responder à questão de como e por que eles são distribuídos de forma desigual entre os usuários. Trata-se de um complô da classe média contra os pobres? Duvidoso que assim seja. Resta a explicação de que os líderes políticos não são atilados o suficiente para corrigir essa tremenda desigualdade nos investimentos setoriais em educação. Qual seria a explicação do Senador Buarque para essa desigualdade distributiva?

8) CB: *“Essa diferença não pode ser chamada de simples desigualdade. Mais que isso, ela é uma barreira que separa as duas partes da sociedade brasileira. Qualquer gesto de construção de uma sociedade minimamente decente passa pela derrubada dessa barreira. Para tanto, é preciso garantir escolaridade a todas as crianças, a partir dos quatro anos de idade, até pelo menos o final do ensino médio. E assegurar um gasto per capita que permita a boa remuneração, boa formação e motivação dos professores.”*

PRA: A pergunta não foi respondida e estamos apenas contornando a questão. A “barreira” tem um sentido meramente metafórico. O Estado está organizado para prover alguns das melhores oportunidades educacionais, ao passo que não consegue assegurar um mínimo padrão comum a todos os brasileiros. Garantir escolaridade a crianças de 4 anos pode ser um começo, mas não pode ser nas condições atuais de dispersão de recursos e manutenção de estruturas atrasadas de ensino.

Seria preciso mobilizar o governo e a sociedade para simplesmente proceder a uma pequena revolução no sistema educacional brasileiro.

9) CB: *“Aparentemente, todos são favoráveis a esses objetivos. No entanto, saber quem estará disposto a pagar a conta da sua realização é o que nos permitirá distinguir os políticos e militantes brasileiros de esquerda e de direita.”*

PRA: Correto, mas curiosamente políticos de direita E DE ESQUERDA têm atuado conjuntamente para preservar os padrões anormalmente desiguais da educação brasileira. A distinção aqui não seria ideológica ou de coloração política, mas de comprometimento com um projeto de Nação que não é de esquerda nem de direita, mas simplesmente de defesa dos direitos mínimos de dignidade humana e de oportunidade social.

Se se começa o empreendimento dividindo os políticos entre uma e outra categoria, esta é uma receita segura para o desastre antecipado e o fracasso anunciado. Que tal começar como uma missão nacional?

10) CB: *“Durante o carnaval, realizei conferências em duas cidades muito distantes: Londres, na Universidade de Londres, e Tóquio, na Universidade das Nações Unidas. Em vez de voltar ao Brasil no curto intervalo de quatro dias entre uma e outra, preferi visitar a Irlanda, para ver como esse país tinha derrubado a barreira da desigualdade educacional. Lá, quis ir visitar a cidade onde os políticos tinham firmado um pacto pela*

*educação, mas fui informado de que demoraria muito, porque as estradas não eram boas. Isso porque a Irlanda fez uma escolha, e ao invés de investir em estradas, preferiu investir em educação.”*

PRA: O exemplo é interessante, mas o ponto importante aqui não é a falta de estradas boas, mas sim a decisão nacional de se qualificar como país educado e moderno. Mas a Irlanda o fez por estar inserida num projeto comunitário e por dispor de mecanismos indutores de modernização educacional, dados pela UE e pela OCDE, ademais dos investimentos em infra-estrutura da primeira.

De toda forma, pouco adiantaria fazer visita a uma cidade palco de uma assinatura e sequer seria preciso se deslocar até a Irlanda: como ministro, como senador, ou como simples cidadão, o político Cristovam podem saber e informar-se amplamente sobre como a Irlanda deu esse passo importante em sua vida enquanto Nação.

Nada impede o Brasil de fazer o mesmo. Se o Senador Cristovam iniciar um movimento desse tipo serei o primeiro a me engajar em sua missão.

*11) CB: “No Brasil, parece que as lideranças políticas, e mesmo a população em geral, ainda prefere relegar educação, alimentação, saúde do povo, a um segundo plano, em nome de investimentos econômicos, com a ilusão de que esses investimentos criarão emprego, e esses empregos construirão uma sociedade justa. Por esta razão, o próprio PT critica a política econômica do governo, mas não o pressiona para definir e implementar, com clareza e urgência, políticas de investimento social.”*

PRA: O PT, como outros partidos e a população em geral, é economicista, no que não vai nenhum mal. Se não há estabilidade econômica fica difícil realizar outros empreendimentos. Caberia, assim, por exemplo, indagar se a Irlanda realizou seu *catch-up* educacional em quadro de instabilidade macroeconômica ou se ela o fez preservando os chamados “fundamentais” da economia. Existe tanta ilusão nos investimentos produtivos em busca de emprego quanto naqueles que dizem que os investimentos em educação não mudam, fundamentalmente, a distribuição de renda num país. Ambos estão provavelmente errados, e estabilidade e educação são igualmente fundamentais para conseguir realizar objetivos socialmente benéficos. Cabe aos políticos e tecnocratas encontrar as maneiras de fazê-lo de modo consistente.

*12) CN: “A política econômica do governo Lula está certa, porque não há outra; e porque outra, além de trazer riscos, não vai necessariamente beneficiar os pobres brasileiros.”*

PRA: A política pode até estar certa, mas a afirmação está errada. Sempre existe uma política alternativa, em qualquer circunstância. O problema está em operar o *mix* correto de políticas que nos tragam crescimento com estabilidade e progresso social. Não se pode afirmar *a priori* que a política do governo é a única possível. O que sim podemos afirmar é que os opositores e alternativos não souberam dizer até agora, além e acima da crítica fácil, quais seriam as políticas alternativas corretas. Eles se revelaram incapazes de fazê-lo com coerência e consistência, o que nos deixa com a política econômica do governo.

O que se pode constatar é que a oposição, de esquerda ou de direita, é pobre, sendo incapaz de montar, por exemplo, um shadow cabinet, para formular seus próprios diagnósticos e daí oferecer alternativas credíveis, sustentáveis e de menor custo que as atuais políticas. A crítica destrutiva, sem oferecimento de alternativas, é o que de pior pode haver num sistema político.

13) CB: *“O PT precisa sair do economicismo. Entender que ser de esquerda é derrubar barreiras, e não derrubar taxas de juros.”*

PRA: Pode até ser, mas o ponto não é este. Ser de esquerda não exige de pensar corretamente e de oferecer soluções reais. Derrubar barreiras é meramente metafórico. Derrubar juros pode sim ser importante, mas num contexto de políticas concretas, sem moinhos de vento, sem barreiras, sem slogans reducionistas.

14) CB: *“E lutar para que o país inteiro se comprometa com os investimentos sociais necessários, com a reforma agrária sempre adiada, com medidas simples que permitirão completar a República e a Abolição, incompletas há 115 anos, por causa da preferência pela lógica econômica, que tem oscilado entre o conservadorismo da direita, a decepção com a morte da esquerda e a ilusão de que ser de esquerda significa taxas de juros mais baixas.”*

PRA: A lógica econômica não se opõe à correção das desigualdades, muito pelo contrário. Ela nos permitiria ver, por exemplo, que reforma agrária é algo absolutamente secundário nos dias que correm, numa sociedade como a brasileira. Não há um problema agrário no Brasil, há um problema social. Existe, claro, um partido que vive de agitar um fantasmagórico problema agrário, que divide pessoas (e aparentemente também políticos ditos inteligentes), que desvia recursos e que nos afasta, não nos aproxima, da solução dos problemas sociais brasileiros.

Os argumentos carecem de lógica, de conexão com os fatos e sobretudo não centram a questão onde ela deve estar. Como pessoas de todos os credos e ideologias, de direita, de centro e de esquerda, como simples cidadãos podem unir-se numa causa que é correta, que é a causa da educação fundamental, média e profissional da população brasileira?

15) CB: *“A esquerda está viva. Ela é mais necessária do que nunca, e precisa unir as pessoas dispostas a canalizar os recursos necessários para derrubar as barreiras que dividem o povo brasileiro entre os que têm e os excluídos dos bens e serviços essenciais. Ser de esquerda hoje, no Brasil, é lutar para completar a República e a Abolição.”*

PRA: Não me parece, de fato, que ela esteja ainda viva, ou se ela está de fato viva, parece continuar dormindo e não ter acordado ainda para o fato de que o básico não é sair investindo contra moinhos de vento com armaduras ideológicas, de esquerda ou quaisquer outras.

Se os problemas nacionais tiverem de ser resolvidos segundo escolas de pensamento políticos não iremos muito longe.

A causa da educação é básica. Por que não fazer dela uma causa nacional? Porque não empreender uma mobilização como a da Abolição, na qual todos os recursos, todas as energias, todas as vontades se concentrem na causa básica da educação nacional?

Não temos, contudo, de nos ocupar de terceiro ciclo, pois isso não é um problema nacional, ou se é, não deveria sê-lo, e sim ser parte da solução. Deixemos de lado marmanjos universitários e nos concentremos na educação fundamental, média e técnico-profissional. Esta é uma causa de todos os brasileiros. Por ela vale a pena lutar.

Paulo Roberto de Almeida  
Brasília, 1231: 21 de março de 2004

(segue íntegra do artigo)

-----  
Correio Braziliense, Brasília, quarta-feira, 17 de março de 2004

**Esquerda viva**

-----  
Cristovam Buarque  
Professor da UnB, senador do DF pelo PT

Com a derrubada da cortina de ferro e do muro de Berlim, as pessoas passaram a achar que a esquerda havia terminado. Enquanto isso, aos poucos, as forças conservadoras foram consolidando um novo muro, uma cortina de ouro que separa os ricos dos pobres e cria uma realidade de apartheid social, uma apartação. O Brasil é um retrato do mundo. Nossa distribuição de renda configura mais do que desigualdade: nossa população é dividida, separada em dois grupos distintos. O mesmo acontece no mundo inteiro: o mundo está dividido por uma cortina de ouro, que separa ricos de pobres.

Ser de esquerda hoje é derrubar os muros, as cortinas, as barreiras que separam os que estão dentro da modernidade, daqueles que estão excluídos.

A primeira das nossas barreiras é o latifúndio. Quinhentos anos depois, o Brasil continua dividido em capitânicas hereditárias, que separam os donos de extensas terras dos sem-terra, que desejam apenas um pequeno pedaço que lhes permita trabalhar, obter o sustento da sua família.

É preciso também derrubar a barreira que separa os que comem daqueles que passam fome. Ao lançar o programa Fome Zero, o presidente Lula percebeu que comprometer seu governo com esse objetivo era condição necessária para o futuro digno do país.

A segunda barreira separa os que conseguem dos que não conseguem educação de qualidade. No Brasil de hoje, uma pessoa de classe média ou alta recebe, ao longo de sua vida, um investimento em educação de cerca de R\$ 250 mil, ao passo que um pobre recebe ou gasta em educação apenas R\$ 3,2 mil, oitenta vezes menos. Essa diferença não pode ser chamada de simples desigualdade. Mais que isso, ela é uma barreira que separa as duas partes da sociedade brasileira. Qualquer gesto de construção de uma sociedade minimamente decente passa pela derrubada dessa barreira. Para tanto, é preciso garantir escolaridade a todas as crianças, a partir dos quatro anos de idade, até pelo menos o final

do ensino médio. E assegurar um gasto per capita que permita a boa remuneração, boa formação e motivação dos professores.

Aparentemente, todos são favoráveis a esses objetivos. No entanto, saber quem estará disposto a pagar a conta da sua realização é o que nos permitirá distinguir os políticos e militantes brasileiros de esquerda e de direita.

Durante o carnaval, realizei conferências em duas cidades muito distantes: Londres, na Universidade de Londres, e Tóquio, na Universidade das Nações Unidas. Em vez de voltar ao Brasil no curto intervalo de quatro dias entre uma e outra, preferi visitar a Irlanda, para ver como esse país tinha derrubado a barreira da desigualdade educacional. Lá, quis ir visitar a cidade onde os políticos tinham firmado um pacto pela educação, mas fui informado de que demoraria muito, porque as estradas não eram boas. Isso porque a Irlanda fez uma escolha, e ao invés de investir em estradas, preferiu investir em educação.

No Brasil, parece que as lideranças políticas, e mesmo a população em geral, ainda prefere relegar educação, alimentação, saúde do povo, a um segundo plano, em nome de investimentos econômicos, com a ilusão de que esses investimentos criarão emprego, e esses empregos construirão uma sociedade justa. Por esta razão, o próprio PT critica a política econômica do governo, mas não o pressiona para definir e implementar, com clareza e urgência, políticas de investimento social.

A política econômica do governo Lula está certa, porque não há outra; e porque outra, além de trazer riscos, não vai necessariamente beneficiar os pobres brasileiros. O PT precisa sair do economicismo. Entender que ser de esquerda é derrubar barreiras, e não derrubar taxas de juros. E lutar para que o país inteiro se comprometa com os investimentos sociais necessários, com a reforma agrária sempre adiada, com medidas simples que permitirão completar a República e a Abolição, incompletas há 115 anos, por causa da preferência pela lógica econômica, que tem oscilado entre o conservadorismo da direita, a decepção com a morte da esquerda e a ilusão de que ser de esquerda significa taxas de juros mais baixas.

A esquerda está viva. Ela é mais necessária do que nunca, e precisa unir as pessoas dispostas a canalizar os recursos necessários para derrubar as barreiras que dividem o povo brasileiro entre os que têm e os excluídos dos bens e serviços essenciais. Ser de esquerda hoje, no Brasil, é lutar para completar a República e a Abolição.